

Especial > ÁGUA ABAIXO



LOCAL INADEQUADO. Peixes que morreram habitavam temporariamente os tanques instalados na Polícia Ambiental; depois, as espécies seriam levadas para o Aquário, o qual só ficará pronto no ano que vem

Dos 12,5 mil peixes do Aquário, só 2,3 mil sobreviveram ao frio

Até ontem, governo não havia se manifestado pela perda do plantel, que consumiu perto de R\$ 1 milhão

CELSO BEJARANO

Dez mil dos cerca de 12,5 mil peixes que foram levados para os reservatórios da Polícia Militar Ambiental (PMA), em Campo Grande, entre novembro e dezembro do ano passado, onde ficariam por período temporário até que o Aquário do Pantanal ficasse pronto, morreram.

A maioria dos animais não suportou a mudança de temperatura e foi exterminada pelo frio.

O histórico das mortes foi confirmado por Geraldo Augusto da Silva, diretor da Anambi Análise Ambiental, empresa escolhida pelo governo estadual (ainda na gestão de André Puccinelli - PMDB), em junho do ano passado, para cuidar da manutenção dos peixes e conservação dos reservatórios.

Pelo contrato firmado com o governo, de duração de 24 meses, com a possibilidade de ser prorrogado, a empresa embolsaria R\$ 5,2 milhões.

Geraldo Silva não quis comentar qualquer detalhe acerca da morte dos peixes.

“O governo me proibiu de falar sobre o assunto”, resumiu o diálogo, por meio de ligação telefônica, ontem à tarde.

Com cópia do relatório que noticia o ocorrido, preparado pela própria Anambi, a reportagem pergunta se era verdade o que estava escrito no documento. “Sim, isso aí é deles (governo) e não vou falar nada”, disse Silva, que logo se despediu.

Em reportagem publicada ontem pelo **Correio do Estado**, o governador Reinaldo Azambuja (PSDB) disse que “alguns peixes tinham morrido”.

Já no relatório da Anambi, é

“

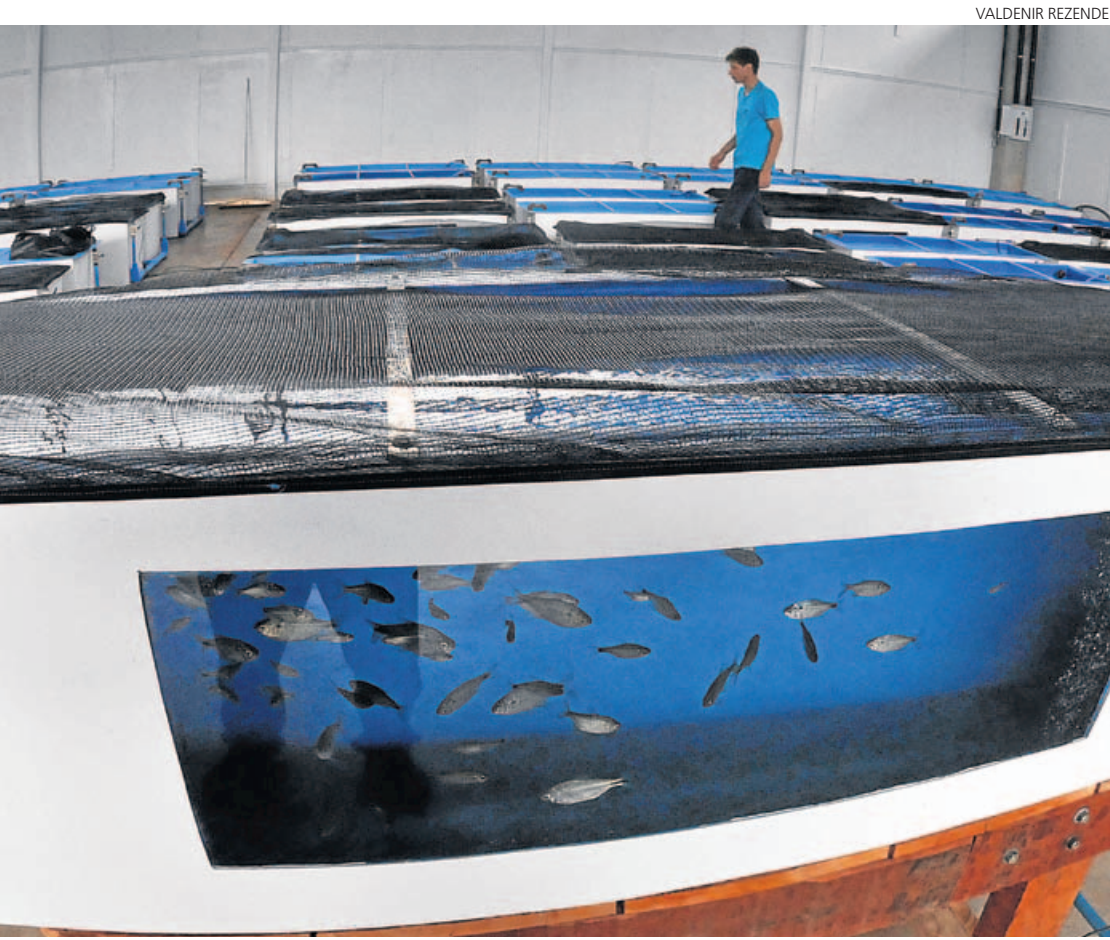
Outro fator que implicou na perda de lotes foram surtos de bactérias de origem desconhecida, resultando na perda de lotes inteiros em período inferior a 24h”

Trecho do relatório que revelou a mortalidade dos peixes

citado um número bem superior ao anunciado pelo governador. As mortes, diz o levantamento, ocorreram entre os meses de novembro do ano passado e maio deste ano.

“A mortalidade total dos animais da quarentena (como é chamado o período transitório que os peixes deveriam ficar na PMA) foi de 10.160, dos quais 80% faz referência à mudança brusca de temperatura, 10% com relação ao transporte e 10% com relação a diferentes tipologias”, diz trecho do relatório.

“Grande parte das perdas está relacionada à variação de temperatura, com destaque para espécies amazônicas (arraias e peixes de pequeno porte, como tetras e piabas), asiáticas, africanas (espécies oriundas de demais localidades não suportam variações bruscas de temperatura, sendo algumas sensíveis a variações de 1 grau), relata o estudo que conta



a decorrência das mortes.

De acordo com o informado pelo atual governo, foram gastos com a compra dos cerca de 12,5 mil peixes algo em torno de R\$ 900 mil.

Se havia 12,5 mil peixes e morreram 10,1 mil, restaram apenas 2,3 mil nos tanques improvisados no prédio da Polícia Militar Ambiental.

INVESTIGAÇÃO

O Ministério Público Estadual investiga justamente as razões de os peixes terem sido levados para a PMA mesmo sem definir a data certa de inauguração do Aquário do Pantanal.

Apura-se, ainda, que muitos peixes foram coletados em rios do Pantanal no período da Piracema, no qual a pesca é proibida por norma estadual.

84 mi

CUSTO DO AQUÁRIO
Construído desde 2011, o Aquário do Pantanal, inicialmente, foi orçado em R\$ 84 milhões e programado para ficar pronto em 2013, e depois em 2014. Nem um nem outro. Anteontem, o governo informou que o Aquário deverá ficar somente em 2016. A ideia de povoar logo os reservatórios da PMA era uma aposta de que o empreendimento seria logo aprontado. Além da demora, o custo da obra já saltou para algo em torno de R\$ 300 milhões.

ESPÉCIES VIERAM ATÉ DO EXTERIOR

Fotografias ao lado mostram diferentes espécies de peixes, que vieram de diversas regiões do Brasil e também do exterior, como de países asiáticos, africanos e, ainda, australianos. As espécies delicadas e mais caras eram as mais sensíveis à variação de temperatura. Eles morrem até com a oscilação de apenas um grau, segundo o estudo que indicou as causas da mortalidade.

